

# Uma breve análise sobre a tradução do título de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, para a língua francesa

## *A brief analysis of the translation of the title of O Quinze, by Rachel de Queiroz, into French*

Maria Carolina de Brito Alves<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

### 1. Sobre os títulos e sua tradução

Ao nos depararmos com uma obra, ou ao passarmos em frente a uma vitrine de livraria, em que são colocados intencionalmente volumes, que devem atrair a atenção de seu leitor em potencial, certamente a primeira informação que se nos apresenta é a capa de um livro que nos ajuda a identificar a criação e a descobrir detalhes sobre ela. Ela pode chamar atenção positiva ou negativamente a depender dos interesses de quem a visualiza. As ilustrações que compõem a capa, ou a ausência delas, por certo, causam algum impacto do ponto de vista visual, mas seguramente elas se complementam através daquilo que, nas palavras de Tschichold (2007, p. 197), é “um instrumento de comercialização: o título”. Segundo Rónai (2012, p. 122), o “título é uma unidade completa em si, e tem de transmitir uma mensagem e um impacto, no conjunto de suas poucas palavras”.

O título nasce, portanto, com a importante tarefa de transmitir, através de sua declaração, algo que deva causar efeito, interesse, provocar curiosidade, e/ou estabelecer algum tipo de relação com quem o visualiza e com o texto que representa. Ele pode conter pistas que revelam o produto da obra, funcionando assim como um rótulo. Muitos são os interesses que entram em sua composição. Eles podem ser determinados pelo próprio autor, pela editora, pela repercussão do texto junto ao público. Aliás, não se pode esquecer que o autor, ao decidir sobre o título de sua obra, “não está só (supondo-se que o estivesse até então), tem o compromisso com seu editor e às vezes com a lei” (GENETTE, 2009, p. 66).

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e professora da Casa de Cultura Francesa da Universidade Federal do Ceará. E-mail: alves\_carolina@hotmail.com

Ao pensar sobre as traduções dos títulos, não devemos deixar de lado que, além dos mesmos interesses que são essenciais para a constituição de um título em sua língua de partida, outros fatores entram em cena e participam do processo de sua recriação na língua alvo, tais como as barreiras linguísticas, culturais e sociais. Não podemos negar que os fatores determinantes para a tradução de um título podem ser influenciados pelas limitações linguísticas, mas também pela cultura de chegada, pois, como diz Pym (2017, p. 272), “sempre que houver cruzamento de fronteiras, pode haver tradução cultural”. Ou seja, o processo para se traduzir um título envolve também a observância das características culturais e sociais do público-alvo.

Sendo assim, o título deve caber não apenas nas normas linguísticas do idioma para o qual se pretende traduzir, mas também deve atender a recepção do novo grupo social e este, evidentemente, será levado em conta, para que a decisão do tradutor, e tudo o que nela couber, seja interessante para a cultura de chegada. Isso nos faz lembrar dos muitos e importantes detalhes que são observados ao se traduzir pois “a tradução é o mundo das minúcias” (RÓNAI, 2012, p. 86). Além do mais, cabe ainda ressaltar o que Genette (2009, p. 66) lembra muito sabiamente: “o principal agente de mudança do título talvez não seja nem o autor, nem mesmo o editor, mas o público, e mais precisamente o público póstumo, ainda e muito bem denominado, a posteridade”. Esse fator pode ser emprestado para a reflexão da tradução de um título, pois é ao público e, possivelmente, para as gerações seguintes, que ele vai ser dirigido.

Ainda segundo Genette (2009, p. 72), o “título é dirigido para muito mais gente que, por um meio ou por outro, o recebe e transmite e, desse modo, participa de sua circulação. Isso porque, se o texto é um objeto de leitura, o título, como aliás o nome do autor, é um objeto de circulação – ou, se se preferir, um tema de conversação”. Genette (2009, p. 73) diz ainda que o título tem três importantes funções, que podem ou não aparecer em sua constituição: 1) identificar a obra (designação); 2) indicar seu conteúdo; 3) valorizá-lo para seduzir o público. Tais funções serão mais à frente exploradas.

A identificação da obra, dada pelo título, bem como seu caráter de indicação de conteúdo e sua valorização, se reflete nos mais variados lugares de apresentação, quando de sua aparição nas impressões. Genette diz que

O título comporta quatro locais obrigatórios e sofrivelmente redundantes: a primeira capa, a lombada, a página de rosto e a página de anterosto, em que, em princípio, ele aparece sozinho numa forma

às vezes abreviada. Mas é lembrado ainda, quase sempre, na quarta capa e/ou como título corrente, isto é, no alto das páginas, lugar que compartilha por vezes com os títulos dos capítulos, sendo habitual então reservar-lhe o alto da página esquerda. Quando a capa é coberta por uma sobrecapa, encontra-se nela necessariamente repetido, ou para dizer melhor, anunciado. (GENETTE, 2009, p. 63)

O fato é que o título de uma obra, quer seja o do texto de partida ou a tradução, é constituinte importante para a circulação de um livro e, como acabamos de ver, sua presença visual é marcante. Ao traduzi-lo, muitas são as decisões a serem tomadas, e para que elas sejam resolvidas, vários são os fatores a se analisar: o público, os interesses editoriais, as características linguísticas, os aspectos culturais, etc. Vale lembrar que a tradução trata de uma “atividade seletiva e reflexiva” (RÓNAI, 2012, p. 22), e que não é sempre que um título é totalmente modificado, se comparado ao título do texto fonte, pois, como dito, esse trânsito depende de critérios e escolhas.

Vamos ver adiante que os títulos em francês do romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, foram enriquecidos com outras informações inerentes ao texto, e mostram também uma mudança de referenciação em relação ao título de partida, ou seja, deixou-se de se ressaltar um dado histórico para colocar um acento tônico sobre o problema apresentado na narrativa. É curiosa a maneira explicativa de como os títulos de *O Quinze* se apresentaram ao público francófono, o que comprova a negociação existente na tarefa do traduzir. Nesta acepção, Toledo (2013, p. 59) diz que “tradutores e seus produtos deixam de ser bandidos ou mocinhos, ruins ou bons, na circulação dos textos alheios para serem pensados como negociantes da inteligibilidade de diferentes culturas”.

## **2. *O Quinze* e seus títulos traduzidos para o francês**

Para Schnaiderman (2011, p. 50), “uma das grandes dificuldades para o tradutor consiste em que se passa algo que foi escrito numa língua, ligado às características de uma cultura, para outra língua de características bem diferentes”. Em se tratando de tradução, ao atravessarmos a fronteira existente entre as línguas, iremos nos deparar ora com equivalências ora com impedimentos, o que é comum quando se trata de culturas. Logo, uma tradução, por envolver culturas diferentes, “vai além da ênfase nas traduções como textos (escritos ou falados) restritos. Sua preocupação é com os processos culturais gerais em vez de produtos linguísticos fechados” (PYM, 2017, p. 276).

Ao lermos o título do texto de partida, *O Quinze* (1930), defrontamo-nos com um momento social relevante: a seca de 1915. Logo, o título nos transporta para esse ano, época historicamente difícil para o sertão do Ceará, marcado por mortes, sofrimentos, partidas e ainda hoje lembrada por seus habitantes. É um fato histórico passado de geração em geração. No entanto, apesar de marcante na história do Cearenses, o ocorrido em 1915 talvez não seja conhecido de todos os Brasileiros, quicá dos estrangeiros.

Em suma, o romance de Rachel de Queiroz, que deu início à segunda fase do Modernismo brasileiro, é uma ficção inspirada em um momento histórico, que remonta a uma época de dificuldades para o povo do sertão do Ceará. Esse tempo ficou tão marcado na história dos que lá vivem que até os dias atuais, a data de 1915, ou simplesmente, a seca do 15, virou uma espécie de adjetivo, caracterizando aquilo ou aquele que sofre com a estiagem e com a fome, e servindo de parâmetro para comparar os demais períodos de seca.

Percorriam as chapadas catando mucunã, pau-de-mocó, xique-xique e maniçoba para fazer a mistura. Iam deixando pela beira das estradas irmão, pai e filho que não conseguissem resistir à fraqueza. Mãe doava menino para que não morresse de fome. O sofrimento era tanto que saiu de 1915 para ressignificar o sertão. E aquela seca, que sertanejo só chama d'O Quinze, deixou de ser fenômeno para virar adjetivo de comparação a todas as outras que vieram desde então. (JUCA, 2015)

Nas traduções do título *O Quinze* para a língua francesa, houve duas versões que evocaram de maneira diferente, em seus títulos, o assunto. Na primeira, resgatou-se a informação temporal quando se tem o termo *année* [ano], o que lembra em parte o título de partida. Na segunda tradução, o foco não foi colocado no fator tempo, mas no espaço da narrativa, pois a tradutora optou por usar o termo *terre* [terra]. Eis os resultados nas traduções do título para a língua francesa: *L'année de grande sécheresse* [O ano da grande seca], tradução de 1986 feita por Didier Voïta e Jane Lessa, e *La terre de la grande soif* [A terra da grande sede], feita por Paula Anacaona e publicada em 2014.

Percebe-se imediatamente, que nenhum dos tradutores manteve o mesmo título de partida na língua francesa. O que vemos, portanto, é que as traduções em francês trazem versões que exploram a problemática da seca tratada na narrativa o que, de partida, poderia ser mais atraente, sedutor às expectativas do público francófono. Curiosamente, o título em espanhol da obra de Raquel de Queiroz resultou em *Tierra de silencio* [Terra do silêncio], tradução de Basilio Losada Castro (1995). Aqui, o foco de

atração é colocado supostamente sobre as consequência da seca, como a morte, por exemplo, não apenas dos flagelados acometidos pela fome, como também da própria natureza, castigada pela estiagem:

E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga. Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuacu que parecia ter passado perto deles. Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. E a morna correnteza que ventava passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu. (QUEIROZ, 2016, p. 69)

Em entrevista feita com Anacaona, ela nos relatou que sua tradução na França, em 2014, teve muito boa repercussão, uma vez que levou o leitor a conhecer características de um Brasil distante dos grandes centros, de uma realidade marginal, diferente daquelas que se têm nas cidades mais conhecidas pelos estrangeiros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Ela também explica o porquê de não ter mantido a data como título para a sua tradução. Em linhas gerais, se ela o preservasse, ela correria o risco de atrair o público a um outro contexto social daquela época, no caso do público da França, à Primeira Guerra Mundial, isso segundo a sua compreensão como tradutora e como editora. Logo, eles tiveram acesso, com sua leitura, ao que acontecia no mesmo período, só que numa realidade mais distante. Curiosamente, a mesma preocupação de Anacaona em não reproduzir a data em seu título não foi observada na tradução para a língua alemã, *Das Jahr 15* [O ano 15], feita por Ingrid Schwamborn (1978, 1994).

Ao analisarmos as funções que identificam um título citadas por Genette (2009), que são a identificação da obra, a indicação do conteúdo, e sua valorização, vemos que nas traduções analisadas a função que mais se ressalta é a segunda, ou seja, a que indica seu conteúdo, não sendo o ano histórico o ponto de referência principal, mas sim o ocorrido naquele momento, ou seja, a *grande sécheresse* [grande seca] ou a *grande soif* [grande sede] causada pela forte estiagem. Nesses resultados ainda se encontram, de acordo com Genette (2009), a terceira função do título, que é a de seduzir o público, pois os tradutores ainda optaram pelo uso do adjetivo *grand(e)*, intensificando assim o problema tratado na narrativa, captando a atenção do público para a problemática.

Ainda usando as palavras de Genette (2009) e partindo de seu pressuposto, o de que o título é um tema de conversação, entendo que a maneira como foram transmitidas as traduções do título nos faz um convite para se conhecer uma época (*l'année*, primeira tradução) e uma região (*la terre*, segunda tradução), estabelecendo assim um diálogo

entre o leitor e a obra. Inclusive, a tradução feita em 2014, traz em si uma grande suporte paratextual que contribui para a inserção do leitor nessa realidade, sinalizada pelo título traduzido. Trata-se de pequenos textos que descrevem a história, a geografia, a vegetação, a cultura, além de uma pequena biografia dos períodos de seca que houve na região. É apresentado ao leitor estrangeiro todos esses fatos relevantes e importantes para a compreensão da obra e logo o diálogo se instala com a clara intenção de preparar o leitor para o seu conteúdo. Além desses, ainda existe uma página *Web* (indicada no paratexto) que traz mais notas explicativas e imagens que servem de apoio à leitura. Já na primeira tradução, a de 1986, há poucos elementos paratextuais que contribuem com informações extras ao texto, se comparada à segunda.

Por fim, resalto ainda que o título dado por Rachel de Queiroz é mantido nas traduções junto ao peritexto editorial. Para Rónai (2012, p. 131), o título “faz parte da obra e, por isso, salvo contraindicação especial, é melhor conservá-lo quando possível. Mas quando, por um motivo ou por outro, for alterado, convém que o título original seja lembrado no cartaz ou, em se tratando de livro, no verso de seu frontispício”.

### **3. Considerações finais**

Buscando entender o que é tradução e parafraseando Umberto Eco (2003), seria muito simples dizer que traduzir é a prática de se dizer a mesma coisa numa outra língua. Mas como diz Eco: o que significa então “dizer a mesma coisa”, se sabemos que o traduzir envolve processos e procedimentos pelos quais nenhuma tradução passa ileso? Logo o “dizer a mesma coisa” é muito mais complexo do que pode parecer, e se aproxima mais ao “quase” a mesma coisa, pois tudo passará por um processo de negociação entre a língua de partida e a de chegada e pelos agentes nelas envolvidos.

Num primeiro momento, o título da obra de Raquel de Queiroz, aparentemente não impõe nenhuma dificuldade para sua tradução. Se fizermos um pequeno exercício, poderíamos ter: *L'année 15* [O ano 15], copiando o título da versão em alemão, *En 1915* [Em 1915], ou apenas *1915*, por exemplo, opções essas que são as mais aproximadas à identificação do título de partida, isso se levarmos em conta a informação ali contida, pois as limitações impostas pela língua impediria uma tradução *mot à mot*, ou seja, literal.

No entanto, os resultados foram diferentes. Como vimos, eles levaram o leitor francófono a se antecipar à problemática da narrativa, já desde os títulos, sendo eles

atraídos para algo que foi mais valorizado pelos tradutores e pelos agentes que participam da decisão. A ênfase foi colocada, então, em seu conteúdo - a grande seca, a grande sede - pois percebe-se que é o que poderia ser mais sedutor para a cultura de chegada e, conseqüentemente, para a sua circulação e transmissão. Não há nada de errado em se evocar o conteúdo da obra em seu título, pois como vimos, o título, sendo um objeto de divulgação, deve se apresentar de maneira a melhor captar a atenção de seu público.

Por fim, o que a discussão dessa breve análise traz é a certeza de que traduzir, seja um título ou uma obra completa, é realmente uma atividade de muitas minúcias, além de ser uma “forma privilegiada de leitura crítica” (TÁPIA, 2019, p. 17), o que exige reflexão de quem o faz. Nela, texto, público, língua de partida e de chegada interagem entre si e determinam os rumos da tradução.

## REFERÊNCIAS

- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa. Experiências de tradução*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Atelier Editorial, 2009.
- JUCÁ, Beatriz. Memórias de cem anos. *Diário do Nordeste*, Região, Fortaleza, 11 fev. 2015. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/memorias-de-cem-anos-1.1217405>. Acesso em: 09 nov. 2020.
- PYM, Antony. *Explorando teorias da tradução*. 1. ed. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017
- QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. 104. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- \_\_\_\_\_. *L'année de la grande sécheresse*. Tradução Didier Voïta e Jane Lessa. Paris: Stock, 1986.
- \_\_\_\_\_. *La terre de la grande soif*. Tradução Paula Anacaona. Paris: Editions Anacaona, 2014.
- RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Tradução, Ato desmedido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- TÁPIA, Marcelo e Thelma Médici Nóbrega (orgs). *Haroldo de Campos – Transcrição*. São Paulo: Perspectiva; 2013.
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Traduções culturais do livro como pensamos, da coleção atualidades pedagógicas (1933-1981). *História da Educação*, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 57-78, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4157276>. Acesso em: 20 out. 2020.
- TSCHICHOLD, Jan. *A forma do livro. Ensaio sobre tipografia e estética do livro*. Trad. José Laurênio de Melo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.